

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Faculdade de Educação – FAGED  
Departamento de Ensino e Currículo – DEC  
Estágio de Docência em Ciências Sociais II  
Professora Roseli Inês Hickmann

Relatório Docente: a contribuição da teoria sociológica de Durkheim para  
compreensão da sociedade atual

Camila de Vasconcelos 00171361

Porto Alegre, novembro de 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Faculdade de Educação – FAGED  
Departamento de Ensino e Currículo – DEC

Relatório da prática docente realizada junto às turmas de 1º ano do Ensino Médio, 106 e 107, da Escola Estadual de Ensino Médio Florinda Tubino Sampaio. Estágio desenvolvido para aprovação na disciplina de Estágio de docência em Ciências Sociais II, sob orientação da Professora Doutora em Educação Roseli Inês Hickmann.

Dedico este trabalho aos meus pais, Paulo Ricardo e Luiza Mara  
e ao meu irmão Rafael.

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus, pela vida e pela oportunidade de concluir este curso, pois a sua graça me deu forças e me sustentou. Além de que hoje posso declarar livremente o quanto o adoro. Agradeço pelo apoio dos meus pais, Paulo Ricardo e Luiza Mara, por garantirem este sonho se realizar. Agradeço ao meu irmão, Rafael, por ser meu melhor amigo nos momentos difíceis. Aos amigos, que se por vezes distantes, ou ausentes sempre possuíam uma palavra de incentivo e motivação. Agradeço aos mestres, que dedicaram seu tempo ao meu aprendizado, possibilitando meu progresso na construção da ciência.

A todos aqueles que estiveram presentes durante este processo, o meu muito obrigada.

Uma coisa morta pode seguir a correnteza, mas somente uma coisa viva pode contrariá-la.

G. K. Chesterton

# Índice

|   |    |
|---|----|
| <u><i>Apresentação</i></u>  | 7  |
| <u><i>Princípios norteadores da Docência:</i></u>   | 8  |
| <u><i>A contribuição da teoria sociológica de Durkheim para compreensão da sociedade atual</i></u>                | 9  |
| <u><i>Justificativa</i></u>   | 10 |
| <u><i>Objetivos Gerais</i></u>  | 11 |
| Objetivos específicos:  | 11 |
| <u><i>Subtemas:</i></u>   | 12 |
| <u><i>Procedimentos Didáticos</i></u>   | 12 |
| <u><i>Recursos Didáticos</i></u>  | 12 |
| <u><i>Avaliação</i></u>   | 13 |
| <u><b><i>Professor como essência...</i></b></u>   | 14 |
| <u><i>Referências</i></u>   | 19 |
| <u><i>Relatos de aula</i></u>   | 21 |
| (01/08) AULA 0: Atividade de retorno das férias, com o filme “Ilha das Flores”.                                   | 21 |
| (08/08) – Aula desenvolvida pelo professor titular  | 22 |
| (15/08) AULA 1: Os conflitos em Londres e Júri Simulado das duas versões diferentes a respeito dos manifestantes. | 22 |
| (22/08) AULA 2: Reflexão sociológica sobre Conflitos em Londres   | 23 |
| (29/08) AULA 3: Representação coletiva na sociedade brasileira.   | 24 |
| (05/09) AULA 4: Fato Social e sociedade   | 25 |
| (12/09) AULA 5: Avaliação.  | 26 |
| (19/09) AULA 6: Atividade Lúdica com conceitos de Durkheim.   | 27 |
| (26/09) AULA 7: Conselho de Classe  | 28 |
| (03/10) AULA 8: O indivíduo na sociedade hoje   | 29 |
| (10/10) AULA 9: Encerramento das atividades   | 30 |
| <u><i>Anexos:</i></u>   | 31 |

## Apresentação

A constante busca por compreender melhor as relações existentes na sociedade objetivou-me a procurar um curso que abrange sua complexidade de forma pertinente. O retorno do estudo da sociologia no Ensino Básico da educação brasileira motivou-me a optar pela ênfase em Licenciatura em Ciências Sociais. Agora, nesta etapa importantíssima da minha formação pretendo dar continuidade ao meu objetivo que é conciliar a tarefa do ensino docente com a de fomentadora de um saber social aos educandos contemplados pela segunda etapa de meu estágio.

Neste relato, pretendo apresentar o planejamento de minha prática docente relacionando com os conteúdos ministrados e desenvolvidos em salas de Ensino Médio da rede pública de ensino, no âmbito estadual. As aulas ocorrerão no Colégio Estadual Florinda Tubino Sampaio (Avenida Montenegro, 269, Bairro Petrópolis) em Porto Alegre, em duas turmas de 1º ano do turno da tarde (106 e 107), caracterizadas por serem turmas formadas por estudantes provenientes do Ensino Fundamental realizados em outras escolas.

Possuindo uma maior compreensão da complexidade e das dificuldades/possibilidades de uma sala de aula, que se propuseram na primeira etapa do desenvolvimento de minha prática docente, tive a pretensão de dar continuidade ao desenvolvimento de minha identidade como profissional licenciado das Ciências Sociais.

Desta forma, pretendi estabelecer um diálogo entre as teorias desenvolvidas no decorrer do curso de Ciências Sociais e os temas levantados por esta disciplina com a realidade e necessidade dos educandos e da escola observados na primeira etapa da elaboração deste estágio. Para tanto, tornou-se muito importante compreender de que forma os estudantes de Ensino Médio apreendem as questões da sociedade e de que forma isso propiciará neles um desenvolvimento das condições de cidadania, tão importante à consolidação da democracia no nosso país.

## Princípios norteadores da Docência:

Minha prática docente se move pela constante busca pelo aprimoramento dos indivíduos enquanto sujeitos de seu mundo. Ou seja, é preciso conhecer nossa sociedade para desenvolver-se com autonomia. Portanto, compreendo que há uma consolidação na teoria a respeito da objetividade do conhecimento sociológico em escolas de Ensino Médio: a obtenção de cidadãos críticos. Minha prática docente objetiva-se por desenvolver no aluno um olhar sociológico sobre os fatos, desmistificando o senso comum, “é preciso fazer a crítica do senso comum” (IANNI, 1985, p. 23).

A sociologia, como disciplina obrigatória no Ensino Médio, poderá utilizar-se dos seus teóricos para explicar o sentido da vida em sociedade. Contribuindo para a “reelaboração da vida cotidiana dos indivíduos, suas experiências e vivências, incluindo-se tanto a realidade próxima e imediata, quanto a longínqua e distante, articulada às circunstâncias sócio-econômicas e políticas da sociedade em que se encontram inseridos” (HICKMANN, 2000).

Por mais que hoje, como afirma Hickmann (2009), ensinar se qualifica como a (re)significação de conhecimentos aprendidos historicamente, a escola ainda significa uma ambiente de experiências e vivências cotidianas. Utilizando meios que venham ao encontro das suas vivências com técnicas de ensinagem apropriadas para reter a atenção e gerar curiosidade aos conteúdos ensinados.

Entendo que assim como Xavier (2008), o professor precisa “estimular o conjunto das capacidades humanas não só cognitivas e intelectuais, mas também sociais, afetivas, expressivas, comunicativas e entender como todas elas interferem nos processos de apreensão do conhecimento” (idem 2008, p. 29). Portanto, é preciso levar em conta de que forma as aprendizagens afetaram os alunos, e como a partir delas eles desenvolverão suas outras capacidades.

Este trabalho visa atender minhas necessidades como educadora de desenvolver um projeto de aprendizagem para meus alunos. “O ser humano age em função de construir resultados. Pode agir aleatoriamente, ou seja, fazendo as coisas sem saber com clareza aonde quer chegar, ou agir de modo consciente” (CALDEIRA,



2002, p.14). Para planejar é possível conhecer os alunos que possuem socializações e valores diferentes do professor (IBDEN, 2002). Nas horas de observação, atentei para os interesses e necessidades de meus alunos, procurando incorporar em minhas aulas os elementos que possam utilizar os seus conhecimentos prévios.

## A contribuição da teoria sociológica de Durkheim para compreensão da sociedade atual

Ensinar os clássicos tem sido um desafio desde o primeiro estágio de docência, pois por mais que nos esforçamos sempre nos parece que o sentido de se compreender “os três porquinhos” é apenas resgatar as origens de uma ciência para preencher seu currículo em formação. Contudo, dadas às condições da escola, lancei-me em uma busca profunda por dar significado aos conceitos e teorias clássicas. Para isso pretendo aprimorar o olhar dos clássicos sobre a sociedade atual, dando um novo sentido aos conceitos desses autores e reivindicando seu espaço na análise social dos fatos contemporâneos.

Nesta etapa do estágio trabalharei os conhecimentos presentes na teoria de Durkheim, destacando a forma pela qual ele a desenvolveu e os seus objetivos ao formar a disciplina sociologia, “a pretensão de conferir a sociologia uma reputação científica” (SELL, 2009, p.77). Compreendendo a sociedade como uma rede de funções sociais, desenvolve as suas obras a partir de uma neutralidade científica, pela qual será utilizada no desenvolvimento de pesquisas com finalidade de compreender os fatos sociais.

Neste projeto pretendo delimitar alguns conceitos a partir de definições práticas para meus alunos, priorizando a associação entre a teoria sociológica de Durkheim com uma leitura científica do mundo que eles vivem. Desta forma, entendo que eles terão uma dimensão mais prática a respeito do que significa a ciência sociológica, “resgatar o real como movimento (...), como vida, como relações sociais” (FERRARI, 1983, p.22).

Utilizar os conceitos, de fato social, por exemplo, para compreender que as suas próprias ações se desenvolvem dentro de um contexto maior, ou ainda, identificar nos acontecimentos ao redor do mundo um olhar crítico sobre os meios de comunicação. É claro que não tenho a pretensão de formar indivíduos capazes de analisar cientificamente todos os acontecimentos. Pretendo, apenas, mostrar-lhes que Durkheim nos ofereceu elementos para analisar a sociedade com olhos científicos.

Na teoria funcionalista a sociedade não se consolida como o somatório das individualidades, esta é maior do que as vontades individuais. Pois, essas vontades agregadas formam novas concepções.

As consciências particulares, unindo-se, agindo e reagindo, um sobre as outras, fundindo-se, dão origem a uma realidade nova, que é a consciência da sociedade. Uma coletividade tem suas formas específicas de pensar e de sentir, às quais os seus membros se sujeitam, mas que diferem daquelas que eles praticariam se fossem abandonados a si mesmos. (DURKHEIM, apud, QUINTANEIRO et all, 1999, p. 18).

É imprescindível conceber que por meio dessa sociedade seus movimentos fundamentam os fatos sociais, as maneiras de agir dentro da sociedade e para a sociedade. Estudá-los de forma científica caracteriza uma consolidação da metodologia de Durkheim.

## Justificativa

Compreender os clássicos significa primeiro, compreender as origens da ciência sociológica; desta forma, Durkheim, ao defender tão enfaticamente a consolidação da sociologia no meio científico e por influenciar, até hoje, a produção sociológica define-se como fundamental para a compreensão do que significa a sociologia. Segundo, ao utilizar alguns dos conceitos da teoria funcionalista, como o de fato social, é possível compreender nossas próprias ações dentro da sociedade, verificar que o nosso próprio movimento dentro da sociedade não é isolado e se qualifica como necessária à própria coesão social. Terceiro verificar que por meio de diferentes leituras, a ciência, em Durkheim, objetiva-se a ser neutra, enquanto meios de comunicação e outros, priorizam seus próprios interesses e visões sociais.

## Objetivos Gerais

Aos alunos englobados no projeto de estágio é esperado que compreendam de forma mais clara a sociedade em que vivem. Para isso que eles possam utilizar-se dos conceitos e da teoria funcionalista de Durkheim como meio de orientar à desmistificação do senso comum para compreensão da realidade social. Como também, ressignificar os aspectos do seu próprio cotidiano, compreendendo o que o compõe, e o porquê; valorizar a sociedade em que vivem e desenvolver os mecanismos necessários para melhorá-la; e compreender do ponto de vista científico alguns dos principais eventos ocorrendo no mundo.

### Objetivos específicos:

- Compreender a diferença entre a utilização do conflito como meio de explicação na teoria funcionalista em comparação com a teoria marxista.
- Verificar que os problemas sociais podem ser compreendidos do ponto de vista da ausência ou excesso de regras, dentro da teoria funcionalista.
- Discutir as possibilidades de uma proposta de neutralidade científica, desenvolvida por Durkheim.
- Identificar o que são e como podem ser analisados os fatos sociais.
- Identificar as possíveis representações coletivas de uma sociedade.
- Compreender a diferença entre o indivíduo e a sociedade, colaborando para compreensão da origem das próprias atitudes.
- Verificar que existem diferentes formas de constituição de uma sociedade, de que para que ela subsista é preciso haver coesão social, e a forma pela qual se constrói a solidariedade entre os indivíduos.
- Compreender a diferença entre solidariedade mecânica e orgânica.

## Subtemas:

- Uma introdução a Durkheim:
  - O conflito na teoria funcionalista
  - Anomia, Casos patológicos
  - Neutralidade Científica
  - Fatos Sociais
  - Representações Coletivas
  - Indivíduo e Sociedade
  - Coesão Social e Solidariedade Orgânica e Solidariedade Mecânica
  - Funcionalismo

## Procedimentos Didáticos

As dinâmicas a serem realizadas:

- Leitura e interpretação de reportagens de jornais.
- Leitura e interpretação de propagandas televisivas e de jornais
- Jogos lúdicos para desenvolvimento psíquico, através dos conceitos.
- Textos de apoio para melhor compreender os conceitos
- Imagens alusivas ao desenvolvimento dos conceitos
- Frases ditas por pessoas famosas a respeito da sociedade brasileira
- Filmes reflexivos.
- Esquemas conceituais
- Júri Simulado
- Aulas expositivas, dialogadas, participativas, com auxílio do quadro.

## Recursos Didáticos

- Reportagens, filmes, figuras, textos, quadro branco, frases da internet, jogo da memória.

## Avaliação

A avaliação se compreende na forma pela qual a escola se organiza e as suas relações com a sociedade (OLEMIR, 2005). O processo avaliativo deste projeto se constituirá de acordo com a proposta reformativa de Olemir Maria Mendes (*ibden*), em que a avaliação se configura durante todo o processo. Visto que o professor ao verificar as defasagens da aprendizagem tem o dever de corrigir e mudar as próprias abordagens. Assim ele modifica a situação verificada pelos processos avaliativos, para não reproduzir a realidade social seletiva e excludente. A avaliação é uma prática de investigação, investigar o que o professor tem feito e o que o aluno tem assimilado. Desta forma, tanto um quanto o outro tem porções de responsabilidades, em que cabe a cada um desenvolver-se melhor.

Os instrumentos de avaliação não podem se restringir a quantificar um aluno, ou ainda, apenas verificar suas defasagens. Pois assim, não há uma valorização do próprio aluno como indivíduo. De acordo com Jussara Hoffman (sem data), a avaliação tem que se construir como um acompanhamento do aluno, e não como um julgamento de suas qualidades ou bagagens étnicas e sociais.

Durante o processo na qual este projeto se constituirá será observada as atitudes dos educandos, como a presença nas aulas, entrega de trabalhos, trazer materiais, esforço e principalmente a participação e o envolvimento nas aulas. Esta se constitui em uma avaliação sócio-afetiva, em que se buscará medir quantitativamente a entrega de trabalhos e a presença em aula. Os trabalhos receberam pareceres avaliativos e apontamentos sobre os pontos positivos e negativos. Acredito que contribuirei para que o educando entenda o porquê de aprender, para que precisa compreender o propósito da sua aprendizagem, ele verá assim o sentido do seu saber. Para isso, Armstrong (2004) argumenta que é necessário que os projetos se aproximem de sua realidade, que investiguem dentro do próprio cotidiano suas próprias conexões com o saber. Uma aproximação que se dará ao longo de todo processo da avaliação.

## Professor como essência...

*Ser professor ou estar professor?* Este foi um dos questionamentos que me acompanhou ao longo de toda a prática docente, e penso ser o mais importante dos meus dilemas. Tornando-se imprescindível compreender, para mim mesma, o que realmente significa *ser* professora. A sensação que possuía era de, apenas, *estar* professora, já que ainda precisava do *estar* aluna. Tenho por mim, que viver neste limbo na formação de minha identidade docente, o estágio, me possibilitou construir a identidade do *ser* professor. Entre o *estar* e o *ser*, há um processo doloroso, uma ponte que precisamos construir para ter uma identidade docente.

Assim como Arroyo declara sobre a humana docência, “não nascemos humanos, nos fazemos” (2000, p.2), portanto, parafraseando o referido autor, não nascemos docentes, nos fazemos, aprendemos como se faz. Aprendemos com outros docentes, com a experiência, com o diálogo com outros docentes. Aprendemos a nos deixar tocar, nos deixar experimentar.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. [...] Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (LARROSA BONDÍA, 2002, p.21)

Porque somente *estar* professor é não se deixar afetar, não se deixar envolver, não se permitir viver a docência, porque o verbo *estar*, é passageiro, é momentâneo. *Estar* professor é cumprir um papel, cumprir uma peça de teatro, é fingir *ser*, mas, no fundo, é somente *estar*. *Estar* ali na frente, dando aula, dando a *sua* aula, sem se importar com o aluno, sem imaginar o que ele tem pra lhe ensinar.

Mas, o que é isso, a identidade do professor? Significa *estar* aberto ao novo, ao desconhecido, ao inesperado, sem nunca ter fim. Essa identidade não se atinge. Ela atua como se fosse um alvo, isto é, ela faz com que busque a experiência. Isso porque não basta *estar* professor, é preciso *ser* professor. Em todo o tempo, em todo o lugar, é preciso *estar* atento às demandas, às necessidades, ao processo, e, principalmente, à aprendizagem de seus alunos. É preciso observar, registrar, planejar e, por fim, aprender. Sim, aprender, porque *ser* professor é mais do que apenas ensinar, é *ser* ensinado, é se deixar moldar pela docência. Em minha prática, descobri que as

palavras fortes, como estas, não mudam minha identidade, é preciso mais do que isso, é preciso vivenciar a docência, no seu dia-a-dia, para compreender como um professor aprende, é preciso experimentar.

A identidade docente precisa ser imaginada, planejada e construída, e depois vivenciada. Para se SER professor, é preciso ter uma identidade docente. Construir onde não existe, na sala de aula, no pátio, na biblioteca, na sala de informática, no shopping, no cinema, no teatro, na rua, no ônibus, em casa, construir no limiar do saber, um lugar, um espaço e uma situação onde, simplesmente, se é a docência, se é o aprendizado. Identidade se constrói, se busca, não se mantém, mas se carrega por toda a vida.

É interessante observar que a minha experiência discente é fundamental para a prática docente que terei amanhã ou que estou tendo agora simultaneamente com aquela. É vivendo criticamente a minha liberdade de aluno ou aluna, que em grande parte, me preparo para assumir ou refazer o exercício de minha autoridade de professor. (FREIRE, 1996 p.90)

Ser professor, é ser aluno, é aprender a compreender o outro, o que não é igual. Pois é preciso gerar no aluno a “vontade de saber mais” (ARROYO, 2000, p.3), portanto, o professor precisa ter essa vontade, vontade de pensar mais e de se deixar ser lido.

“Como impossível seria sairmos na chuva expostos totalmente a ela, sem defesas, e não nos molhar?” (FREIRE, 1996, p. 96) Ser professor é estar exposto às complexidades da docência, se deixar molhar, é consequência do estar professor. Freire na citação acima se refere ao impacto que um professor tem sobre seus alunos, contudo podemos pensar também com a relação contrária, do aluno sobre o professor. Ou seja, ser professor significa aprender com seus alunos. Também nas palavras de Freire: “sou um aventureiro, responsável, predisposto a mudança, à aceitação do diferente” (1996, p. 50), Ser professor é, principalmente, ser aluno.

Sendo assim, entro no meu segundo dilema, como alcançarei a postura de ser professor ou o respeito de meus alunos? Neste caso, por algum tempo denunciei que a altura, a entonação de voz ou a cara de menina, poderiam me desfavorecer dentro da prática docente. Contudo, após algumas avaliações de minha prática, investiguei e repensei de que forma os alunos me viam como docente. Percebi que, possivelmente,

a falta de pulso firme, ou de autoridade frente aos alunos estava relacionada com uma postura de *estar* professora, de não se deixar afetar pelo cotidiano da sala de aula. Freire nos alerta, “ensinar inexistente sem aprender e vice-versa” (1996, p.26), enquanto não me deixei aprender, não pude ensinar. E por conta disso, não consegui alcançar a autoridade almejada, por estar distante, por não dar confiança aos meus alunos.

Após algum tempo, retomando leituras e compreendendo minha situação docente, ou seja, deixando-me afetar mais pela docência, passei a observar que o aluno queria ser ouvido, e de que ele precisava ser ouvido. Contudo, escutar o outro não é tarefa fácil, não se pode ouvir o outro enquanto se fala, ou se toma atitude. Depois de ouvir, é preciso pensar sobre o outro e, então, agir com ele.

A experiência é muito importante, mas a experiência de cada um só se transforma em conhecimento através desta análise sistemática das práticas. Uma análise que é análise individual, mas que é também coletiva, ou seja, feita com os colegas, nas escolas e em situações de formação. (NÓVOA, sem data)

Percebi que o caminho deste diálogo precisaria ser descoberto, e para isso era preciso descobrir o que o aluno gostava, ou de que forma ele vivia. Relacionar seu cotidiano com o saber a ser desenvolvido.

[...] procura-se captar a “lógica do outro” – um processo que não é tão óbvio quanto poderia parecer a primeira vista. Pois implica no esforço de sair de nosso próprio sistema simbólico – que nos acompanha (enquanto estagiários, docentes –dicentes) como o ar que respiramos – para tentar penetrar no sistema do outro. (FONSECA, 1994, p. 78)

“Os fatos da vida social [...] são fatos que apanham a realidade em movimento, em modificação e em transformação” (FERRARI, 1983, p. 21), a fim de produzir a partir deste fato, que é cotidiano, um sentido novo, um sentido pensado criticamente. Identificar esses fatos não é tarefa fácil, exige do professor um tempo de dedicação e de espera por aprender com os erros e com as tentativas. O professor precisa se avaliar constantemente para perceber seus limites e conquistas, para poder valorizar o aluno como um indivíduo diferente.

Charlot (2000) argumenta que para um saber ser construído no aluno o professor precisa entender sua singularidade, sua história, suas relações com o mundo. Sendo assim, em sua pesquisa, Charlot constata que os alunos definem uma



aula interessante quando o professor parte de conhecimentos que o aluno já possui fora da escola, fora do saber escolar.

Para isso busquei encontrar estratégias de ensinagem que dessem conta da perspectiva durkheimiana e se relacionasse com o cotidiano dos alunos. Visto que o trabalho docente, segundo Anastasiou (2006), significa um processo, onde o professor apresenta objetivos e busca alcançá-los junto aos seus alunos. Uma tarefa que precisa utilizar-se de técnicas de aprendizagem. Compreendo que, assim como uma pesquisa científica utiliza-se de metodologia construída para tais objetivos, também a docência necessita encontrar a estratégia mais adequada para os objetivos pretendidos, e aí reside meu terceiro e último dilema. Possivelmente, alcançar o aluno com estas estratégias e assim, lhe apresentar os conteúdos, como uma refeição saborosa, seria preciso mais tempo de aprendizado docente, ou seja, mais experiência para o professor.

Acredito que um pouco do que faltou em minha prática, desenvolvida neste estágio, está relacionada com aquilo que Fontana retrata, como fundamental para desenvolver uma aula: a fala do professor:

Pelo tom que imprimimos a nossos dizeres, damos a ver emoções, concordâncias e discordâncias apaixonadas que o texto suscita em nós e também nossa relação com o grupo a quem nos dirigimos. (2001, p.34)

Ao mesmo tempo em que minha fala buscava alcançar os alunos com técnicas e dinâmicas sobre o saber, me posicionava de forma distante dos alunos, tentando permanecer dentro do limite de apenas *estar* professora. Faltava o tom de confiança, o tom da personalidade de minhas vivências para contribuir com os alunos e, portanto, não conseguia ouvi-los, pois não podia ouvi-los.

Ao longo do estágio encontrei a forma de construir a ponte entre o *estar* e ser professora, a experiência permitiu o me *tornar* professora. Ou seja, primeiro preciso me posicionar como tal, me deixar tocar pela docência. Segundo, é preciso alcançar o respeito dos alunos, alcançar a autoridade, ser reconhecida como tal. Mas para isso ser possível, somente através de, terceiro, encontrar formas de alcançar meu aluno, de possibilitar que este tivesse uma relação com o saber.

Em suma, ser professor é se desafiar, se colocar no desconforto, fazer as aulas, e não as apresentar. Isso vem ao encontro da luta de Freire com relação à educação bancária. Segundo ele, a “reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo” (1996, p. 22). Para uma constante aprendizagem docente, este deve ser o objetivo do docente, articular a teoria com a prática, vivendo ambas junto aos alunos. Construir o saber com eles e com a ajuda deles, aprendendo com eles. E principalmente, respeitando os seus saberes, ouvindo-os para aproximar-se e vivenciar a docência. Uma tarefa difícil, mas que não se realiza sem esforço e dedicação, e isso é se deixar afetar, se deixar tocar pelo propósito do ensinar: e, enfim, encontrar a razão para se ser docente, em meio a tantos problemas e dificuldades encontradas nas redes de ensino, públicas ou privadas. Ou seja, o prazer de ensinar e de, portanto, aprender junto.

## Referências

ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos, ALVES, Leonir Pessante (orgs.). **Processos de Ensino na Universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 6ª edição. Joenvile, SC: UNIVILLE, 2006.

ARROYO, Miguel G. Ofício de mestre: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000. Cap. 4.

ARMSTRONG, Dale. Uma visão contemporânea da avaliação. **Presença Pedagógica**. V. 10, nº 57, maio/junh. 2004.

BRASIL. Parâmetros curriculares de Ensino Médio + Orientações Educacionais Complementares aos parâmetros curriculares nacionais – **PCEM+**, 2002.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares de Ensino Médio - **PCEM**, 2000.

\_\_\_\_\_. **Parecer 38/2006**. Inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, Brasília, Mec, 2006.

CALDEIRA, Anna Maria Salgueiro. **Elaboração de um projeto de ensino**. In: **Presença Pedagógica**. V.8, nº44, mar-abr, 2002.

FERRARI, Alfonso Trujillo. **Fundamentos de Sociologia**. São Paulo: McGraw-Hill Ltda, 1983.

FREIRE, Madalena. **Planejamento**: Sonhar a ação de planejar. Sem data, cap 4.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 – Coleção Leitura. (24ª edição).

FONTANA, Roseli Aparecida Calção. Sobre a aula: uma leitura pelo avesso. **Presença Pedagógica**, v.7, nº 39, mai-jun, 2001.

HICKMANN, Roseli Inês. Docência em ciências Sociais na Educação Básica. In: **Presença pedagógica**. V.15, nº 90, Nov / Dez 2009.

HICKMANN, Roseli Inês. **Dos estudos Sociais às Ciências Sociais**: outros olhares, outros territórios, outras histórias. In: Projeto: Revista de educação, ano 2, nº 2, jan-jun, 2000. Porto Alegre: Editora Projeto.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação**: Entrevista com Jussara Hoffman, s/ data.

LARROSA BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, nº 19, jan-abr, 2002.

LEVINE, D. **Visões da tradição sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997. (A tradição marxista; pg. 192-207).

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia.** São Paulo: Editora Cortez, 1990.

MENDES, Olemir Maria. Avaliação formativa no ensino superior: reflexões e alternativas possíveis. *In:* VEIGA, Ilma Passos Alencastro; NAVES, Maria L. de Paula (orgs). **Currículo e avaliação no ensino superior.** São Paulo: Junqueira e Marin, 2005.

MOTA, Kelly Cristine Corrêa da Silva Mota. Os lugares da sociologia na formação de estudantes do Ensino Médio: as perspectivas dos professores. **Revista Brasileira de Educação.** Nº29, mai.-ago., 2005.

NÓVOA, Antônio. **Entrevista** com Antônio Nóvoa – com Salto, sem data.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. A escola e suas mediações: como se usa o material didático. *In:* **Educação e Sociedade.** São Paulo: Cortez/CEDES, Nº 16, Dezembro, 1983.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Lígia de O.; OLIVEIRA, Márcia Gardênia de. **Um toque de clássicos:** MARX, Duerkheim, Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

RODRIGUES, Maria Bernadette Castro. Planejamento: em busca de caminhos. *In:* XAVIER, Maria Luisa M. E DALLA ZEN, Maria Isabel H. (org). **Planejamento em destaque:** análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, 2000, p. 59-73.

SILVA MOTA, Kelly Cristine Corrêa. Os lugares da sociologia na formação de estudantes do Ensino Médio: as perspectivas de professores. *in:* **Revista Brasileira de Educação.** Maio / Jun / Jul / Ago 2005 nº 29.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica.** Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

SINGER, Paul. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. *in:* ABRAMO, Helena Wendel; Branco, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da juventude brasileira:** uma análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

SOBRINHO, Helson Flávio da Silva Sobrinho. Eu odeio/adoro Sociologia: os sentidos que principiam um prática de ensino. *In:* PLANCHEREL, Alice Anabuki, e OLIVEIRA, Evelina Antunes F. de. (org). **Leituras sobre Sociologia no Ensino Médio.** Maceió: Edufal, 2007.

XAVIER, Maria Luisa M. Educação Básica: resgatando espaços de humanização, civilização, aquisição e produção de cultura na escola contemporânea. In: MULLET, PEREIRA, NILTON, ET ALL. **Ler escrever:** compromisso no Ensino Médio. Porto Alegre: Editora da UFRGS e NIUE/ufrgs, 2008.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FONSECA, Claudia. Antropologia, educação e cidadania. Revista do GEEMPA, n° 3, março, 1994.

## Relatos de aula

(01/08) AULA 0: Atividade de retorno das férias, com o filme “Ilha das Flores”.

Conteúdo: Desigualdade humana, processo de produção, valor, liberdade.

Objetivos específicos referentes às aprendizagens significativas dos conteúdos: relembrar alguns dos conceitos trabalhados antes das férias, durante o estágio I, baseados na teoria marxista sobre a sociedade. E aproximar o aluno de outros conceitos de forma lúdica e criativa desenvolvida pelo filme.

Procedimentos: Fazer um exercício de discussão e compreensão em dupla, a partir do questionário em anexo (anexo 1), preenchendo-o e entregando.

Recursos: filme “Ilha das Flores” e questionário para orientar o aprendizado do aluno.

Avaliação: Participação na entrega da atividade e pontualidade da mesma.

Relato:

Nesta aula, o professor titular relatou-me de que passou o filme proposto e entregou o questionário para ser feito em dupla. Os alunos em sua maioria entregaram-me na aula seguinte e a maioria desenvolveu alguns dos pontos abordados pelo filme, questionando-se a respeito, principalmente sobre a liberdade e extrema pobreza. Contudo, não houve oportunidade, por questões burocráticas da escola, em continuar

com a discussão, já que se passaram duas semanas para que a estagiária pudesse entrar em sala de aula.

(08/08) – Aula desenvolvida pelo professor titular

(15/08) AULA 1: Os conflitos em Londres e Júri Simulado das duas versões diferentes a respeito dos manifestantes.

Conteúdo: Conflitos nos protestos em Londres, caracterizados por saques, e incêndios a lojas e casas. Diferentes versões a respeito de quem eram os manifestantes e o que reivindicavam. Utilização da sociologia para maior compreensão deste fato social.

Objetivos específicos referentes às aprendizagens significativas dos conteúdos:

Compreender que as versões divulgadas pela mídia dos atentados em Londres caracterizam-se por possuírem interesses específicos. Discussão a respeito das diferentes versões sobre quem eram os revoltosos em Londres. Apresentar o método sociológico para compreensão dos fatos.

Procedimentos: Através de um Júri Simulado, a turma é dividida em dois grandes grupos, em que cada um recebe dois textos com a mesma versão dos fatos. Enquanto que o outro grupo recebe uma versão diferente. Um possui uma linha denunciatória a respeito de que os manifestantes eram, simplesmente, condenando os atos com palavras fortes de caráter ofensivo. O outro, apresenta-os como reféns de sua própria sociedade, e que encontram nestes protestos um meio de atender suas necessidades. Cada grupo precisa defender sua versão dos fatos e tenta refutar o que o outro argumentar.

Recursos: Duas folhas com enfoque diferente entre si, cada uma com duas reportagens (uma do Jornal Zero Hora e outro do Jornal Correio do Povo) (Anexo 2).

Avaliação: Envolvimento dos alunos com o grupo e com a proposta da atividade.

Relato: Na primeira turma, 106, foi possível debater as propostas com mais entusiasmo e participação de todos, por haver em cada grupo 8 alunos. Foi possível também perceber as opiniões e pontos de vista, bem como os argumentos, de cada um. Contudo, os alunos não conseguiram compreender a proposta, já que seus

argumentos por vezes contribuíam para o enfoque do grupo contrário, mas possibilitou o diálogo e a interação entre eles, discutindo a ideia de cada uma das propostas. Contudo, na segunda turma, por ser um grupo maior, os alunos não desenvolveram tanta interação, sendo somente uns poucos a trazer os argumentos para o grande público. Os alunos discutiram menos as reportagens, e poucos leram de fato os textos. No momento da discussão, contudo houve desentendimentos entre os colegas, pois uma das meninas participantes e porta-voz do grupo começou a defender a proposta ativamente, gerando constrangimento do grupo por seus argumentos serem simplistas e indignados. Pedindo para acalmar os ânimos, deixei de lado a proposta inicial de fazer um júri simulado e estimulei o diálogo entre os alunos, permitindo uma discussão livre e aberta do tema, o que foi muito mais produtivo do que o primeiro momento.

## (22/08) AULA 2: Reflexão sociológica sobre Conflitos em Londres

Conteúdo: utilização da Sociologia para compreensão dos acontecimentos e apresentação a respeito dos conceitos de Durkheim: crises sociais, anomia, caso patológico, aproximação dos conflitos em Londres com a realidade dos alunos.

Objetivos específicos referentes às aprendizagens significativas dos conteúdos: conhecer os conceitos necessários para analisar os conflitos por meio da lógica funcionalista. Debater com eles a respeito da forma como Durkheim entenderia estes conflitos e o que representavam, enfatizando a diferença entre o pensamento marxista e durkhaniano. Após, leitura de uma reflexão a respeito do contexto vivido pelos manifestantes, para mostrar o real perfil deles, aproximando o impacto da vida deles dentro do cotidiano dos alunos.

Procedimentos: Debate e Leitura do texto Reflexão sociológica, cópia do quadro de esquema de conceitos. (anexo 3)

Recursos: Texto Reflexão Sociológica (anexo 4).

Avaliação: Participação no debate.

Relato: Tentando dar conta de uma demanda apresentada pela maioria dos alunos na avaliação do professor realizada no semestre anterior, disponibilizei o esquema em conjunto com uma exposição dos conteúdos, juntamente ao debate dos alunos. A turma 106 participou ativamente questionando o porquê dos nomes e o

porquê Marx pensava de forma diferente. Na segunda turma, contudo, não houve participações ativas dos alunos e isso me incomodou, pois pretendia, também, ter um diálogo com os conceitos e a teoria. Nas duas turmas foi possível, no fim, a leitura do texto de Reflexão Sociológica (anexo 4), contudo, na primeira percebi que o texto estava muito longo e já para a apresentação na segunda turma exclui alguns parágrafos. Isso foi super importante para poder ter a atenção deles. Independente disso, ainda, assim, o texto estava longo de mais, e a leitura oral ficou cansativa e longa, praticamente sem propósito, a leitura não atingiu o seu objetivo.

### (29/08) AULA 3: Representação coletiva na sociedade brasileira.

Conteúdo: Representação coletiva, sociedade brasileira e possibilidades de mudança na realidade.

Objetivos específicos referentes às aprendizagens significativas dos conteúdos: Verificar de que forma a realidade brasileira tem sido vista por grandes pensadores e pessoas famosas, demonstrar que para Durkheim, incentivar a busca por entender de que forma nossa sociedade se formou como tal, explicando os conceitos da sociedade coletiva, e propor pensar em mudanças de realidade.

Procedimentos: Distribuir frases de pensadores a respeito da condição social brasileira, em que as afirmações possuem tom pejorativo. Questionar aos alunos se concordam com as mensagens e por quê, apresentações orais sobre cada frase. Apresentar texto com definição de representação coletiva para Durkheim, e questioná-los a respeito da relação com as frases. Solicitar que desenvolvam uma frase positiva a respeito do Brasil (anexo 5).

Recursos: Frases pejorativas a respeito do Brasil, citação sobre conceito de Durkheim.

Avaliação: participação dos alunos em desenvolver argumentos coerentes com a realidade brasileira.

Relato: Os alunos possuíam opiniões tão arraigadas quanto as opiniões apresentadas pelas frases distribuídas, sendo difícil de estabelecer um diálogo. Por vezes perguntei sobre o porquê de tal opinião e quais os seus argumentos. Eles não



conseguiram responder de forma clara e argumentativa. Nesta aula, quase todos participaram, com a apresentação de cada frase. Embora eles concordassem com a frase a respeito dos brasileiros, em geral, eles não se identificavam com a frase, retratando apenas o discurso da denúncia.

Após a entrega do Texto com o conceito de Durkheim e diálogo a respeito do seu significado, em ambas as turmas foi perguntado se havia uma identidade coletiva relacionada com a identidade do brasileiro, o que responderam como não. Analisando a proposta percebi que teria sido necessário levar textos, ou informações que contradissem os argumentos dos alunos, com visões famosas bonitas a respeito do Brasil, já que poucos, elaboraram uma frase positiva sobre o Brasil.

#### (05/09) AULA 4: Fato Social e sociedade

Conteúdo: Fatos Sociais e sociedade

Objetivos específicos referentes às aprendizagens significativas dos conteúdos:

Rever alguns conceitos da aula anterior; apresentar figuras representativas de fatos sociais motivá-los a responder o que são e relacionar o conceito. Que os alunos passam associar outros acontecimentos como sendo de relevância social. Identificar os acontecimentos. Compreender o que significa Sociedade no Funcionalismo

Procedimentos: Apresentar figuras de acontecimentos que marcaram o Brasil e o mundo. Demonstrar de que forma estes fatos sociais poderão ser entendidos por Durkheim

Recursos: Figuras no Anexo 6.

Avaliação: participação dos alunos na discussão.

Relato: foi necessário retomar a discussão que se teve na aula anterior, por não ter tido tempo de todos apresentarem sua frase positiva. Contudo, a rediscussão deu abertura para passarmos a discutir o que são, de fato, fatos sociais. Não foi possível incorporar muitos elementos daquela aula, já que como se verificou antes, a proposta não foi capaz de desarraigar a percepção dos alunos.

Portanto, mostraram-se as figuras aos alunos e foi explicado de que forma Durkheim utilizava o conceito para abstração em suas pesquisas. As figuras, grandes e

coloridas chamaram a atenção dos alunos, que ficaram atentos para descobrir qual seria “a próxima” a ser mostrada. Depois de acabarem todas, foi possível dar exemplos mais abstratos, tais como o ato de estar na escola como um fato social.

Percebi que, como a literatura já demonstrava, a utilização de recursos visuais facilita na obtenção da atenção do aluno, bem como possibilita ao professor adentrar na complexidade de algum tema. Neste caso, foi possível, aos alunos compreender a definição do termo, e, por que não, compreender os acontecimentos retratados na figura. Já que em uma delas, houve discussão sobre o que Saddam Hussein havia feito para sofrer pena de morte. Infelizmente, por questões de tempo, neste caso, não houve possibilidade de se aprofundar neste tema, nem modificar o planejamento para dar conta de tal situação. Contudo, nas duas últimas figuras foi possível discutir de que forma a sociedade se comportava e quais as implicações desse comportamento sobre os outros indivíduos.

#### (12/09) AULA 5: Avaliação.

Conteúdo: Avaliação dos alunos e avaliação das aulas.

Objetivos específicos referentes às aprendizagens significativas dos conteúdos:

Avaliar os aprendizados até aqui realizados para avaliar como o aluno tem compreendido as aulas e avaliar de que forma as aulas precisam ser reelaboradas.

Procedimentos: Solicitar que cada aluno, individualmente responda as questões propostas, podendo haver consulta no caderno.

Recursos: Folha com atividade avaliativa (anexo 7).

Avaliação: identificar junto aos alunos o desenvolvimento dos conteúdos estudados até o momento, a fim de repensar e melhorar as atividades ainda previstas. Não se buscava avaliar o aluno por seu conhecimento conteudístico, já que foi permitida a utilização de consulta ao caderno e folhas, individuais, mas sim, o diálogo que havia sido feito no desenvolvimento das aulas.

Relato: No decorrer da avaliação alguns alunos manifestaram que estavam tendo dificuldades para responder as questões, estes na sua maioria, estavam sem o caderno, e sem folhas (na semana anterior havia sido avisado de que trouxessem os materiais). Entretanto, o que realmente me chamou a atenção, foi de que aqueles que

estavam com o material relataram de que não foi preciso utilizarem-nos pois nas questões só precisava-se pensar.

Compreendo que este fato somente contribuiu para que aqueles alunos, interessados, tivessem desempenhos melhores, do que aqueles que conversavam durante a aula e sequer sabiam do que tais assuntos tratavam. Estes últimos, contudo, foram apenas dois alunos, nas duas turmas, e realizaram posteriormente uma atividade de recuperação.

### (19/09) AULA 6: Atividade Lúdica com conceitos de Durkheim.

Conteúdo: Solidariedade Orgânica e Mecânica

Objetivos específicos referentes às aprendizagens significativas dos conteúdos:

Que os alunos compreendam o conceito de coesão social, de Durkheim, e quais as suas definições, podendo identificar suas definições na sociedade em que vivemos.

Procedimentos: Distribuir jogo da Memória em grupos de 6, em que, primeiro, os grupos precisam identificar os pares do jogo. Depois, fazer um jogo de memória com as cartas.

Recursos: Cartas de papel grosso, em que sete cartas possuem características definidoras de uma sociedade com Solidariedade Orgânica, e sete com Solidariedade Mecânica, cada uma dessas 14 cartas possui uma imagem representativa desta característica. Mais um par de cartas que fala sobre a passagem de uma solidariedade para outra, totalizando 30 cartas (anexo 8).

Avaliação: Participação na atividade prevista.

Relato: A aula em questão foi aplicada em 5 turmas, das quais, todas as aulas da segunda-feira. Nas primeiras, as turmas não estavam sendo contempladas pelo meu estágio, e eram ministradas pelo professor titular. Conforme combinado previamente com ele, fiquei de aplicar a prova de recuperação nos seus alunos. Após isso, expliquei como o jogo funcionava e propus que tentassem montar. Em todas essas turmas os alunos começavam a jogar, mas não permaneciam por mais de 5 minutos sobre a atividade, alegando que era difícil e não sabiam o que significavam os conceitos.

Portanto, fiz uma breve explicação, utilizando as próprias cartas do jogo e “dando as respostas” para aquelas que comecei a perceber não fazer muito sentido. Alguns alunos após isso, retomaram a atividade, e concluíam a conexão entre as figuras e os conceitos, mas nenhum deles chegou a brincar como jogo de memória. Encorajei-os a tentarem terminar a atividade, mas não obtive sucesso, pois eles não consideraram que sofreriam qualquer represália, já que não valia nota e eu não era professora titular.

Nas turmas das quais eu estagiava não houve nenhum problema. No primeiro momento, desanimada com o desempenho dos primeiros alunos, comprei balas no bar da escola para “comprá-los” a fazerem a atividade. Vale a pena lembrar que não havia muitos alunos presentes, pois era feriado na terça-feira, e a maioria dos alunos que compareceram foram apenas para os períodos que teriam prova de recuperação.

Contudo, quando propus a atividade, ela foi bem recebida pelos meus alunos, e estes a desempenharam do início até o fim. No primeiro momento expliquei os conceitos e tirei algumas dúvidas. E depois foi possível perceber no desenvolvimento da proposta, que eles estavam se divertindo muito e não se queixaram de dificuldades.

As dúvidas eram respondidas por mim, que estava perto deles e acompanhei a atividade. Neste tempo foi possível explicar com profundidade alguma ou outra carta.

## (26/09) AULA 7: Conselho de Classe

Conteúdo: Avaliar os alunos de acordo com a proposta desse trabalho.

Objetivos específicos referentes às aprendizagens significativas dos conteúdos:

Considerar os métodos avaliativos pedagógicos na participação e entrega das atividades, e da avaliação, objetivando-as à realidade da escola, que visa a quantificação do aluno.

Procedimentos: Valorizar o empenho do aluno em responder as questões e considerar seu crescimento em relação à obtenção de saberes.

Recursos: Planilha do Excel.

Avaliação: fechamento das notas junto à direção da escola.

Relato: durante o conselho, foi possível ver de que forma outros professores viam a mesmas turmas com que eu trabalhava, e também de que forma os alunos viam

a si mesmos, como grupo. Isso porque os representantes da turma liam uma auto-avaliação do grupo.

Para estes representantes, contudo, o ambiente era intimidador, já que alguns professores queixavam-se da turma e apontavam sus problemas para que eles levassem para o grande grupo. Penso que esta era uma tarefa difícil e pesada para eles, já que as queixas não passavam por nenhum tipo de polimento, por parte dos professores.

Uma das surpresas que tive no conselho foi descobrir que alguns alunos que possuía grande participação nas aulas de sociologia eram desligado e irresponsável em outras disciplinas. Nos casos críticos, ficava sob responsabilidade da supervisora localizar os alunos e lhes propor mudanças de comportamento.

### (03/10) AULA 8: O indivíduo na sociedade hoje

Conteúdo: Sociedade individualista e consumista

Objetivos específicos referentes às aprendizagens significativas dos conteúdos:  
compreender que a sociedade atua e objetiva-se a partir de uma certa individualidade dos seres. Identificar os principais responsáveis por essa disseminação do ser individual e compreender de que forma nos beneficiamos ou nos prejudicamos por ela. Bem como de que a sociedade exerce influência sobre as nossas decisões

Procedimentos: Apresentação do conceito sociedade e indivíduo, questionamentos sobre a individualidade, apresentação de figura representativa e propor buscas em revistas sobre propagandas que caracterizem a individualidade. Em grupos de 4, confeccionar cartazes e apresentar aos demais.

Recursos: Figura retratando a individualidade (anexo 9), revistas e jornais, cartolinas, tesouras e cola.

Avaliação: participação na atividade proposta e apresentação da mesma.

Relato: Após apresentação da proposta e distribuição dos materiais, os alunos passaram a questionar bastante a respeito do que precisavam fazer, ou seja, a atividade não estava clara o suficiente para que desse início à confecção dos cartazes. Precisei fazer algumas modificações na proposta, para que esta estivesse mais clara e objetiva. No decorrer da atividade, pude ainda, acompanhar de perto a confecção dos

trabalhos auxiliando-os sempre que necessário. Por demandar a busca de figuras em revistas, a atividade tomou o período todo, e quase não foi possível fazer nenhuma apresentação do trabalho final dos alunos.

Neste sentido, é importante selecionar bem a tarefa e defini-la claramente, além de que seja importante selecionar previamente as revistas utilizadas. Avaliando esta aula percebi que seria necessário também um texto de apoio, para que os alunos possam consultar os significados da individualidade e poder repensar sobre ela. Já que a figura utilizada, neste caso, não os instigou o suficiente para compreenderem a questão da individualidade.

## (10/10) AULA 9: Encerramento das atividades

Conteúdo: possibilidade de mudança no mundo a partir da ação individual.

Objetivos específicos referentes às aprendizagens significativas dos conteúdos:

Debater a respeito das circunstâncias da conjuntura do modelo de sociedade atual, identificar as formas de melhoria e a questionar-se a respeito da qualidade de vida que imaginam ter.

Procedimentos: Apresentar filme e realizar um debate em torno da situação, agradecimento pela colaboração no decorrer do estágio.

Recursos: Filme “A história das coisas”, agradecimento (anexo 10).

Avaliação: participação na discussão dos temas.

Relato: como este seria o último dia de estágio, foi apresentado o filme em questão como forma de recompensar os alunos contemplados no estágio, ludicamente. Alguns deles já haviam visto-o e não se impressionaram tanto quanto outros. Três alunos ou mais relataram que aquele filme mudou as suas vidas. No primeiro momento tivemos a apresentação dos trabalhos da aula passada. Depois a apresentação do filme, e, então, houve um momento de discussão, onde se questionou as temas abordados, praticamente todos os alunos se envolveram. A discussão, por fim, saiu da proposta quando adentrei para os agradecimentos pela participação neste período e distribuí um bombom com recadinho.

Acredito que este foi a melhor forma de gratificá-los por contribuírem na minha aprendizagem e permitirem que todas as aulas ocorressem. Muitos alunos me

abraçaram e me agradeceram pelas aulas divertidas. Espero que o saber se desenvolva com eles e todos possam se tornar cidadãos de qualidade.

Anexos:

Nomes: \_\_\_\_\_ N°: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

**Atividade de Retorno das Férias em dupla**

1) Quais informações trazidas pelo documentário, que tenha relação com a sociologia, você achou mais interessante? Cite duas.

---

---

---

2) De acordo com o documentário de Jorge Furtado, “Ilha das Flores”, descreva com suas próprias palavras de que forma o lucro e o dinheiro afetou a vida dos moradores da ilha. (mínimo 5 linhas)

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

3) Reflita sobre a afirmação “há poucas flores na ilha das flores”, desenvolvendo alguns dos porquês levantados pelo narrador da desigualdade ali existente. (3 motivos)

---

---

---

---

---

---

---

---

4) O narrador afirma que os seres humanos são livres, liberdade não se explica e não há ninguém que não entenda. Se vocês fossem um dos moradores da Ilha das Flores que aparece no vídeo, como entenderiam o significado desta palavra? (mínimo 5 linhas)

---

---

---

---

---

---

---

---



## Barbárie londrina

A capital inglesa parece estar imitando o que aconteceu em Paris não faz muito tempo. Hordas de marginais, cujas origens estão nas correntes migratórias que invadiram a Europa nos últimos 30 anos, são as responsáveis pelos atuais distúrbios em Londres. Nesta semana, o prefeito de Londres, Boris Johnson, deixou a polidez britânica de lado e afirmou que os marginais vão "se arrepender amargamente". Voluntários ingleses ajudaram a municipalidade a limpar o entulho deixado pela bandidagem que se vale da democracia inglesa para tentar impor seus métodos nazi-fascistas de protestar pelo prazer de fazer desordens e saques. O incidente inicial se deve à morte do jovem negro Mark Duggan, 29 anos, que não quis parar numa blitz da Polícia e levou um tiro de um agente. A partir daí, os protestos começaram e saíram da manifestação razoável para a destruição de veículos, saques e incêndios de lojas comerciais e enfrentamento violento com a Polícia. Eis os fatos. As raízes da desordem estão no bairro de Tottenham, área que abriga comunidades de imigrantes que chegam dos países árabes e do continente africano. Os desordeiros de hoje ou estão desempregados ou já se incorporaram às gangues de traficantes e boa parte deles ainda está na clandestinidade no país ou já são de uma segunda geração. Um brasileiro também foi morto pela Polícia londrina e nem por isso a comunidade brazuca saiu pelas ruas da capital inglesa quebrando tudo. E a morte de Jean Charles de Menezes, apurou-se mais tarde, foi um lastimável engano da Scotland Yard que provocou a demissão de seu chefe. As correntes migratórias que invadiram a Europa se valem da teoria do coitadismo, se dizem vítimas de perseguição política em seus países de origem, mas não aceitam as regras civilizadas das nações que lhes deram abrigo. Hoje, em cidades como Paris, Londres, Roma, Oslo, Berlim, Madri, os guetos de imigrantes estão se tornando repúblicas onde existem até "leis" que desafiam os poderes constitucionais desses países. A jornalista italiana Oriana Falacci (1929-2006) tratou da invasão dos imigrantes na Europa e sintetizou bem sua tese: "Qual o sentido em se respeitar quem não nos respeita?". Em Londres, a tese de Oriana está em plena demonstração.

Um alerta procedente

O primeiro-ministro britânico, David Cameron, pisou no freio com o tal multiculturalismo vigente em toda a Europa. Os defensores dessa tese acham que é possível as comunidades estrangeiras - muçulmanas, latino-americanas e africanas, na sua maioria - não se integrarem aos costumes da população nativa. Na real, Cameron entende que os contribuintes ingleses estão cansados de proporcionar tantos subsídios aos imigrantes legalizados e clandestinos, especialmente na área dos serviços essenciais, além de financiamentos para

projetos que oferecem até vagas nas universidades do seu país.

Para entender

O escritor Walter Laqueur, alemão, com 90 anos, tratou do tema no livro "Os Últimos Dias da Europa - Epitáfio para um Velho Continente". É uma crítica que causa arrepios aos defensores do comportamento politicamente correto no relacionamento com imigrantes. Laqueur mostra que as correntes de imigrantes da Ásia, da África e do Oriente Médio não buscam integração nos países onde chegam, pois apenas querem se beneficiar dos generosos serviços sociais oferecidos. Daí a origem de uma xenofobia que cresce proporcionalmente com o aumento da imigração descontrolada.

**Especial/Londres**

**GABRIEL BRUST**

**O** verão londrino contava a favor – o sol nessa época não se põe antes das 22h –, mas era preciso correr na St. John's Road, uma das artérias centrais da região de Clapham. As pauladas sincronizadas dos martelos golpeando chapas de compensado embalavam a tensão dos comerciantes. Tudo devia ser isolado para transformar a rua comercial em um cenário de Velho Oeste antes que a madrugada chegasse.

Caminhões encostavam a todo momento com mais e mais placas de madeira que eram medidas, serradas e fixadas pelos próprios funcionários das lojas. Em minutos, vitrines reluzentes eram transformadas em um paredão amarelado e pretensamente imune a saques e depredações como as da noite anterior, que deixaram a amigável e bem urbanizada comunidade de Clapham desfigurada. O alarme de uma loja totalmente saqueada ainda soava, horas depois, conturbando ainda mais o ambiente já ruidoso dos serrotes. Duas voluntárias caminhavam pela via distribuindo água aos trabalhadores. Foi assim na maior parte dos distritos da região central e sul de Londres nas horas que se seguiram à

noite de segunda-feira, quando os distúrbios iniciados no norte se espalharam por toda a cidade. Moradores e comerciantes destes bairros de classe média se preparavam como se esperassem uma invasão bárbara, já que os grupos de encapuzados que surgiram na noite anterior – chamados de copycats (imitadores) pela imprensa londrina – pareciam vir de longe. O mesmo ocorria em Camden Town, próximo ao centro, conhecida por sua cultura de moda alternativa e por uma de suas ex-moradoras ilustres, Amy Winehouse.

*Zeva Nova - 14/10/2011 - pg 14*

# Inglaterra é reflexo do mundo atual

A Inglaterra viveu quatro dias e quatro noites de distúrbios como há muito não se via. Estes protestos têm dois cunhos: um, social, dos jovens desesperançados por causa do desemprego e da diminuição dos benefícios sociais; e outro, da baderna, dos que se aproveitam da ocasião para saquear e destruir. Como disse ao jornal Independent, o responsável pela Comunicação dos Jogos Olímpicos de Londres, Darryl Seibel, o que acontece "não é um reflexo da metrópole apenas, mas do mundo que vivemos hoje".

Uma das verdades é que há um cunho social nos protestos que se espalharam pelo país, na esteira da crise que se abate sobre a Europa. A Inglaterra, embora não seja um dos países mais afetados por ela, vê a população perder gradativamente o seu poder aquisitivo e importantes conquistas sociais. A saúde e a educação, por exemplo, que eram totalmente gratuitas e de Primeiro Mundo, hoje já demandam algum pagamento. Não é sem razão que um líder comunitário londrino disse que as pessoas protestam porque estão frustradas. E que isto acontece porque há uma comunidade com alto índice de desemprego (25%) e que presencia cortes na assistência às crianças.

Trata-se de algo análogo ao caso da Espanha, país que viveu, a partir dos anos 1990, a ilusão de um crescimento que não teve sustentabilidade. As cidades espanholas se tornaram grandes canteiros de obras, refletindo a pujança do desenvolvimento que chegava. Só que, na esteira desse crescimento veio a crise imobiliária, tal qual nos EUA. E o resultado foi o mesmo: prédios inacabados e imóveis tendo que ser devolvidos. A Espanha passou a ser recordista europeia em termos de desemprego, com taxa de 24% no geral, e de 46% entre jovens até 24 anos. Passando-se por Itália, França, Grécia, etc., chega-se a constatações semelhantes. Índices não tão altos, mas consequências igualmente nefastas.

Então, por aí se pode entender a razão dos protestos, mas não se pode admitir a desordem que tem acompanhado as manifestações. Sim, porque, protesto é uma coisa e baderna é outra. E esta baderna é mostrada pelos saques a lojas e supermercados e pelos incêndios a lojas e residências. E aí é que vem o que coloca Seibel, pois o que acontece na Inglaterra é o mesmo que acontece no Rio, quando o trem da Central do Brasil atrasa e a massa resolve colocar fogo nos vagões. Em Londres, o que houve não foram saques a supermercado por comida, mas sim para se apoderar de tênis, celular, laptop, etc.

O fato é que vivemos uma crise econômica, sim. Mas vivemos também uma crise de valores, onde o aluno não respeita mais o professor. E os pais, sem ter mais o acompanhamento dos filhos, se colocam sempre ao lado destes para compensar a sua ausência. Vivemos um momento em que os políticos roubam e recebem o respaldo de seus pares, que ameaçam a sustentação política da presidente caso

ela siga com as investigações sobre a roubalheira. Num momento em que uma juíza que combate o tráfico é assassinada pelos traficantes, sem ter a proteção do Estado. Ou seja, não é um caso só de Londres, como disse Seibel, motivo pelo qual nós, brasileiros, temos muito mais com o que nos preocupar.

## Há motivos sociais para a revolta?

A escolha de lojas de telefones celular, televisões e roupas de esporte de marcas como Adidas e Nike como alvos preferenciais dos saques levou a opinião pública britânica, assim como representantes do governo, a classificar os atos como "oportunistas". No dia seguinte aos roubos, pipocaram fotos no Facebook de jovens exibindo seus feitos, com pilhas de telefones celulares, DVDs ou roupas de marca. Os indicadores sociais de distritos como os de Haringey (do qual Tottenham faz parte) mostram uma juventude não totalmente empobrecida, mas de poder aquisitivo mais baixo do que a média. Quase 20% das pessoas entre 18 e 24 anos do distrito recebem algum auxílio social do governo. Das 215 pessoas presas pela polícia segunda-feira, 98 são nascidas nos anos 90 e 49 na década de 80.

O que os saques de segunda-feira mostraram é que, embora não totalmente empobrecida, a juventude da periferia faz parte de um grupo ou de desempregados, ou cujos empregos não possibilitam o consumo de produtos que se tornaram fetiche de jovens. Se, por um lado, os conflitos iniciais derivavam da revolta pela morte de uma pessoa, os roubos e saques dos dias seguintes foram interpretados por sociólogos ouvidos pelo jornal The Guardian como reflexo desta equação de baixo poder aquisitivo e cultura consumista, de uma "geração bombardeada por propaganda e que costuma ser definida não pelo que faz, mas pelo que compra", segundo o especialista em cultura jovem John Pitts.

Zero Hora - 17/08/2011 - p. 75

**(Anexo 3)**

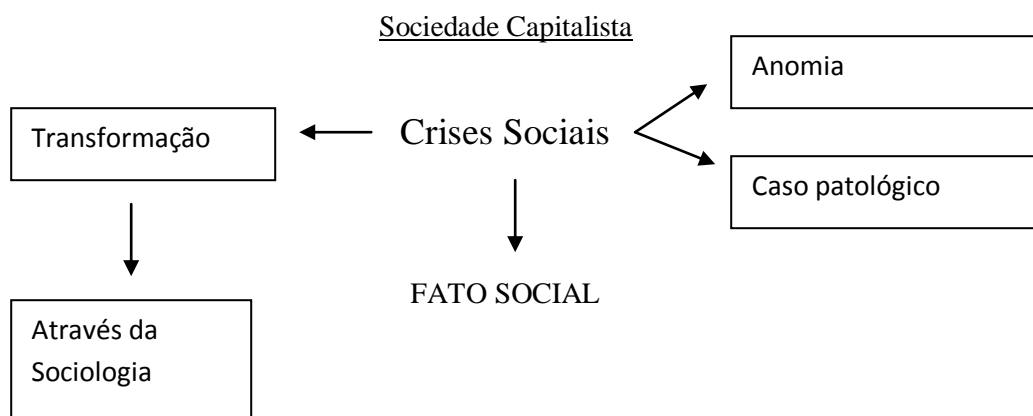
**Durkheim (1858 - 1918)**

Durkheim admitia que o capitalismo é a sociedade ideal, trata-se apenas de conhecer os seus problemas e de buscar uma solução científica para eles. A sociedade é boa, basta apenas “curar as suas doenças”.

Caso Patológico: As crises sociais são evidências de que as leis em uma sociedade não estão funcionando bem.

Anomia: a ausência de regras também gera problemas sociais.

Os problemas sociais se resolvem por meio da Sociologia. Pois seu objetivo é compreender o funcionamento da sociedade capitalista de modo objetivo. Através do Método Sociológico.



#### (Anexo 4)

#### Reflexão sociológica...

Imagine que você está em sua casa, terminando de jantar e pronto para sair da mesa e entrar na internet. Afinal você merece, esteve a tarde inteira na escola e está louco pra continuar aquela conversa no MSN.

A televisão está ligada na sala e seus pais assistem o Jornal Nacional, e enquanto você passa de fininho, quase despercebido - pra evitar ter que lavar a louça -, a propaganda que aparece na Televisão é sobre o último carro lançado pela FIAT. O que você pensa? Quando eu começar a trabalhar e ganhar dinheiro, vou comprar um igualzinho a esse.

Você fica ali sonhando em o que vai fazer com o carrão, em quantos lugares você vai poder ir, quem vai levar junto, e nem percebe que a propaganda acabou. Na televisão o apresentador traz as últimas notícias ocorridas ao redor do mundo.

“Com mais 2.300 prisões e mais de 1.200 processados por roubo ou violência, o desfile pelos tribunais não mostrou nenhuma “besta selvagem”. Ao invés disso, o perfil dos acusados surpreendeu os britânicos que tiveram que enterrar a primeira caracterização simplista – negros, afrocaribenhos, pobres e excluídos. Designers gráficos, estudantes universitários, professores, adolescentes, púberes, desempregados, marginais, um aspirante a entrar no exército, uma modelo: a variedade desafia qualquer estereótipo.”

Neste momento você se assusta com a primeira imagem apresentada na tela da televisão da sua sala, uma viatura da polícia em chamas, pessoas correndo de um lado para o outro carregando tudo o que conseguem levar. O repórter conta as últimas notícias da violência que ocorre em Londres.

Você até lembra das aulas de Sociologia em que teve uma discussão sobre isso, você para na porta da sala e fica ouvindo quais as últimas notícias de uma das cidades mais legais do mundo, em que quase todos os filmes aparece um aquele grande relógio, onde as pessoas correm de um lado para o outro, para acompanhar as badaladas do Big Bang. Mas afinal, pra que tanto rebuliço, as imagens mostram uma cena diferente da bela cidade inglesa.

“'Indignados' não são. Nenhum discurso articula o protesto, não existe uma lista mínima de demandas como ocorreu com as manifestações dos estudantes ingleses contra a triplicação do valor das matrículas universitárias no ano passado. O primeiro ministro David Cameron e a poderosa imprensa conservadora não querem entrar em complexas reflexões sociológicas. “O que ocorreu é extremamente simples. Trata-se de pura delinquência”, disse Cameron no debate parlamentar convocado em caráter de emergência.

“São bestas selvagens. Comportam-se como tais. Não têm a disciplina que se necessita para ter um emprego, nem a consciência moral para distinguir entre o bem e o mal”, escreveu no *Daily Mail*.

Com mais 2.300 prisões e mais de 1.200 processados por roubo ou violência, o desfile pelas cortes não permitiu ver nenhuma “besta selvagem”. Ao invés disso, o perfil dos acusados surpreendeu os britânicos que tiveram que enterrar a primeira caracterização simplista – negros, afrocaribenhos, pobres e excluídos – para começar a entender um fenômeno complexo. Designers gráficos, estudantes universitários, professores, adolescentes, púberes, desempregados, marginais, um aspirante a entrar no exército, uma modelo: a variedade era de um tamanho suficiente para desafiar qualquer estereótipo. Cerca de 80% dos que desfilaram pelos tribunais têm menos de 25 anos. A metade dos processados são menores de 18: muito poucos superam os 30 anos.

Martins Luther King dizia que “os distúrbios são a linguagem dos que não têm voz”. Na Inglaterra, o problema é que esta linguagem foi, em vários momentos, um balbúcio ininteligível.

O conflito começou com os protestos pela morte de Mark Duggan, no bairro de Tottenham, baleado pela polícia que, aparentemente, foi rápida demais no gatilho. Em um primeiro momento era um protesto político local marcado pela tensão étnica em um bairro pobre: o primeiro objeto de ataque foram dois carros de patrulha da polícia queimados pelos manifestantes. Este pontapé inicial converteu-se rapidamente em quatro noites de saques de grandes lojas, roubo indiscriminado de comércios de bairro e indivíduos e enfrentamentos com a polícia em bairros pobres de Londres e da maioria das grandes cidades da Inglaterra.

Nos distúrbios houve de tudo. A presença de bandos de jovens e o roubo meramente oportunista estiveram tão na ordem do dia como o uso de torpedos via celular para coordenar os ataques em lojas e bairros. Em uma sociedade onde o dinheiro se converteu em valor absoluto, a identidade parece definir-se, para muita gente, pela posse de tênis de marca ou do modelo de celular mais recente, ao qual essas pessoas não tem acesso porque vivem mergulhados na pobreza. Se a oportunidade aparece, por que não? Isso é o que fazem os banqueiros, os políticos, as grandes fortunas.

O atual ministro da Educação, Michael Gove, disparou indignado contra “uma cultura da cobiça, da gratificação instantânea, do hedonismo e da violência amoral”. O mesmo Gove gastou em 2006, 10 mil dólares para sua casa e passou a conta para a Câmara dos Comuns como parte de sua “dieta” parlamentar. Entre os objetos adquiridos, havia uma mesa que custou mais de 1.000 dólares, um móvel Manchu por 700 dólares e um abajur de 250 dólares. Um dos casos que contribuíram para romper o estereótipo foi o de Alexis Bailey, um professor de escola primária de 31 anos, muito respeitado em seu trabalho, preso em uma loja da Hi-fi em Croydon, sul de Londres. Bailey ganha 1.000 libras em mês (cerca de 1.600 dólares) e paga de aluguel mais da metade disso: 550 libras (uns 900 dólares). No caso de Bailey, como no de Trisha, graduada em Psicologia Infantil que acaba de perder seu trabalho, percebe-se o núcleo de uma narrativa distinta da “mera delinquência” de “bestas selvagens”. “Ainda estou pagando o empréstimo que recebi para estudar. Cameron não faz nada. Não tem ideia do que é ser jovem. Dizem que nos aproveitamos dos benefícios. Mas queremos trabalho”, disse Trisha ao *The Guardian*.

Estes germens de discurso apareceram várias vezes. Na voz de uma mãe em um supermercado (“não tem nada, o que vão fazer?”), na de um jovem desempregado (“é preciso se rebelar”). As gangues juvenis são a expressão final e niilista deste fenômeno de não pertencimento social e de falta de perspectiva de vida. “As gangues oferecem uma relação de pertencimento a uma estrutura, uma disciplina, um respeito que os jovens não encontram em nenhum outro lado”, escreve Ann Sieghart no *The Independent*.

Esta semana, em um primeiro distanciamento de sua própria caracterização dos distúrbios, David Cameron lançou uma revisão de toda a política governamental para “recompôr uma sociedade exausta”, evitar uma “lenta desintegração moral” e “solucionar problemas sociais que cresceram durante muito tempo”. É um começo. O que está claro é que as prisões, que em sua maioria já estão superpovoadas, não resolvem o problema de fundo: em alguns meses os mesmos jovens sairão para as ruas. A grande questão é se uma coalizão como a conservadora-liberal democrata, que fez do ajuste fiscal uma religião, pode levar adiante uma política mínima que comece a lidar com um fenômeno que tem complexas raízes econômicas sociais e culturais.

O repórter termina seu discurso, o apresentador Willian Boner irá apresentar outra reportagem, você vai pra internet, e se conecta no mundo virtual. Mas que resposta você daria a essa pergunta:

Hoje, qual deveria ser o motivo de protesto dos jovens brasileiros? Se você tivesse que sair as ruas, pelo que reivindicaria?

Texto adaptado do site: [http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=18245](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=18245)

*Um artigo de Marcelo Justo, direto de Londres.*

*Correspondente da Carta Maior em Londres.*

*Tradução: Katarina Peixoto*

**(Anexo 5)**

Um povo que não sabe nem escovar os dentes não está preparado para votar.  
[João Batista Figueiredo](#)

**É preciso salvar o Brasil de alguns brasileiros - [Jean Claudio Feder](#)**

[POEMEU EFEMÉRICO]

Viva o Brasil

Onde o ano inteiro

É primeiro de abril

[Millôr Fernandes](#)



Se a história do Brasil ensina alguma coisa é que ninguém paga pelo que foi, fez e falou.

**Luis Fernando Veríssimo (1936-) Cronista Gaúcho (Aquele Estranho Dia que Nunca Chega).**

No Brasil não existe filantropia , o que existe é pilantropia.

Hebert de Souza ( o Betinho)

O Brasil está tonto, perdido entre tecnologias novas cercadas de miséria e estupidez por todos os lados.

Arnaldo Jabor

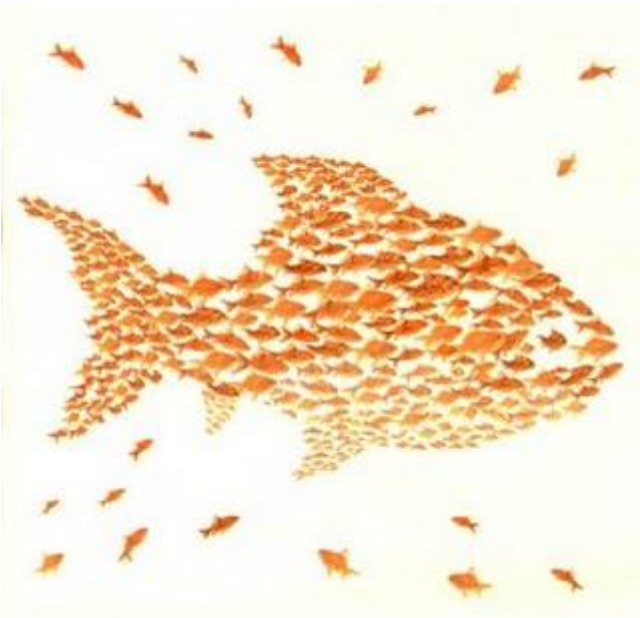
(Anexo 6)

**Figuras Fato Social:**













- 4) Considerando as diferenças e desigualdades sociais e econômicas, o que você tem feito, ou poderia fazer, para solucionar os problemas de nossa sociedade, ajudando a construir uma sociedade mais digna para todos?

---

---

---

---

---



- 5) Agora, responda o que você mais **gostou** de aprender nas nossas aulas até agora?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

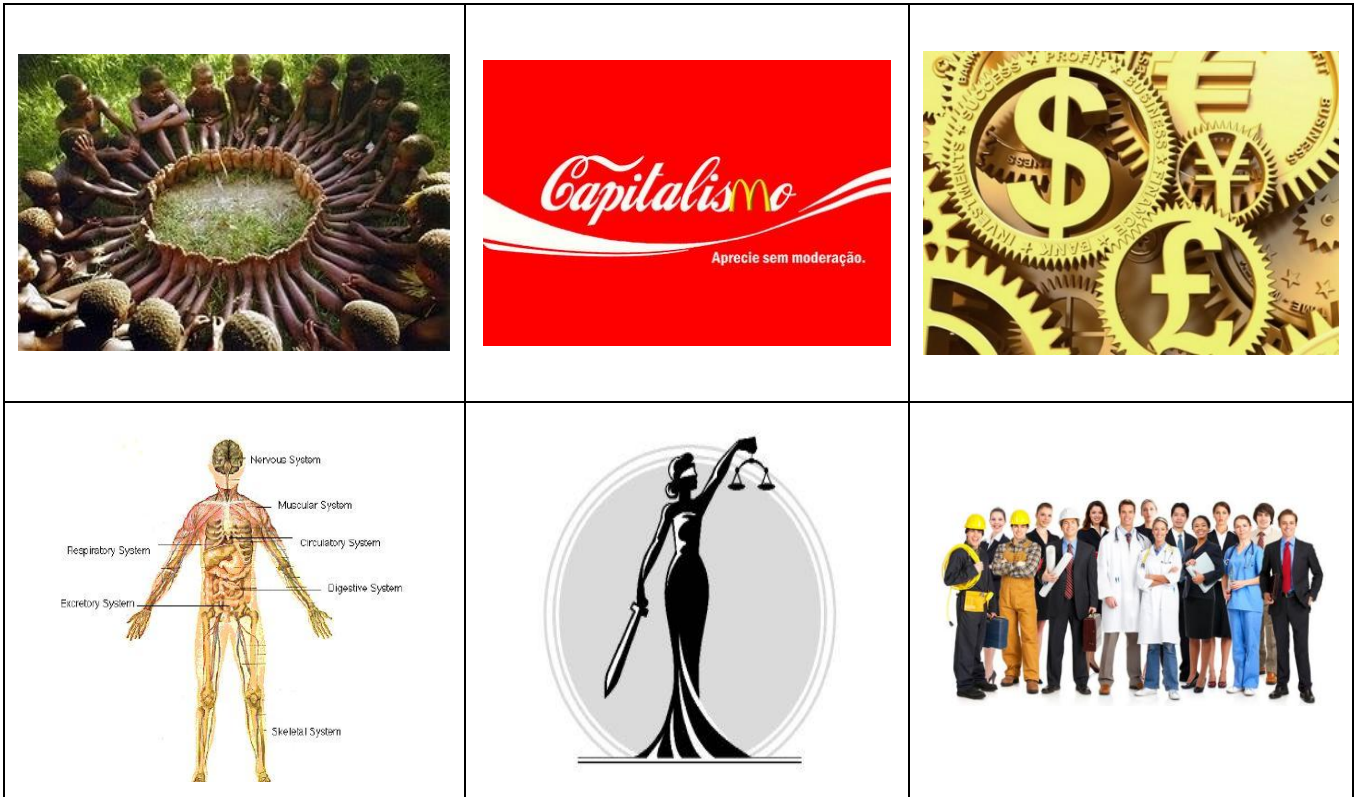
---



(Anexo 8)

|  |  |  |
|--|--|--|
| <p><b>Solidariedade Mecânica</b></p> <p>Predomina nas sociedades “primitivas”, dos tipos tribais, formadas por clãs.</p>   | <p><b>Solidariedade Mecânica</b></p> <p>Os indivíduos <b>diferem pouco</b> entre si.</p>   | <p><b>Solidariedade Orgânica</b></p> <p>Não compartilham dos mesmos valores e crenças sociais. A <b>diversidade</b> de valores é predominante</p>  |
| <p><b>Solidariedade Mecânica</b></p> <p>Os indivíduos dessa sociedade possuem o mesmo tipo de religião, e todos participam dos mesmos credos. Qual é o nome do <b>chefe religioso</b> desse tipo de sociedade?</p> | <p><b>Solidariedade Mecânica</b></p> <p>A moral tem origem na consciência coletiva do grupo, não está dada por regra, e caso sejam quebradas existe...</p> | <p><b>Solidariedade Orgânica</b></p> <p>Os interesses individuais são bastante distintos e a <b>consciência</b> de cada <b>indivíduo</b> é mais importante do que os interesses coletivos.</p> |
| <p><b>Solidariedade Mecânica</b></p> <p>Os indivíduos que a integram compartilham das mesmas noções e valores sociais. Sendo <b>difícil ter associações com outros indivíduos</b> fora do contexto social.</p>     | <p><b>Solidariedade Mecânica</b></p> <p>Os afazeres domésticos são feitos por uma <b>divisão sexual do trabalho</b>.</p>                                   | <p><b>Solidariedade Orgânica</b></p> <p>A coesão da sociedade não está na religião, portanto os <b>diferentes credos</b> religiosos podem existir juntos.</p>                                  |
| <p><b>Solidariedade Mecânica</b></p> <p>Possuir os mesmos valores sociais é que caracteriza a coesão social do grupo, uma identidade coletiva, necessária a <b>permanência</b> da sociedade frente a outras.</p>   | <p><b>Solidariedade Orgânica</b></p> <p>Designa o tipo de sociedades que encontramos nas <b>sociedades capitalistas</b>, são complexas e modernas.</p>     | <p><b>Solidariedade Orgânica</b></p> <p>Divisão social do trabalho é mais complexa e se dá em função da <b>economia</b>.</p>   |

|  |  |   |
|--|--|---|
| <p><b>Solidariedade Orgânica</b></p> <p>A sociedade é como um grande <b>organismo vivo</b>, em que cada parte depende entre si, e todos dependem de todos.</p> | <p><b>Solidariedade Orgânica</b></p> <p>A coesão social está baseada nas <b>normas jurídicas e leis</b>, criadas para manter a sociedade em ordem.</p> | <p>A passagem da <b>Sociedade Mecânica</b> para a <b>Sociedade Orgânica</b> se dá por uma maior divisão do trabalho social. Em que as pessoas possuem <b>diferentes ocupações trabalhistas</b>.</p> |
|   | <p><i>Xamã</i></p>   |    |
|   | <p><i>PUNIÇÃO</i></p>  |    |
|   |    |    |



**Respostas:**

| <p align="center"><b>Solidariedade Mecânica</b></p>   | <p align="center"><b>Solidariedade Orgânica</b></p>   |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- Predomina nas sociedades “primitivas”, dos tipos tribais, formadas por clãs. (clã indígena)</li> <li>- Os indivíduos dessa sociedade possuem o mesmo tipo de religião, e todos participam dos mesmos credos. Qual é o nome do chefe religioso desse tipo de sociedade? (palavra Xamã)</li> <li>- Os indivíduos que a integram compartilham das mesmas noções e valores sociais, não sendo possível haver qualquer relacionamento entre diferentes coesões. (Filme Pocahontas)</li> <li>- Possuir os mesmos valores sociais é que caracteriza a coesão social do grupo, uma identidade coletiva, necessária a subsistência. (índios no congresso)</li> <li>- Os indivíduos diferem pouco entre si. (índios em roda)</li> <li>- A moral tem origem na consciência</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Designa o tipo de sociedades que encontramos nas sociedades capitalistas, são complexas e modernas. (capitalismo)</li> <li>- Não compartilham dos mesmos valores e crenças sociais. A diversidade de valores é predominante. (diversidade)</li> <li>- Os interesses individuais são bastante distintos e a consciência de cada indivíduo é mais importante que os interesses coletivos. (indivíduo)</li> <li>- A coesão da sociedade não está na religião, portanto os diferentes credos religiosos podem existir juntos. (religiões)</li> <li>- Divisão social do trabalho é mais complexa e se dá em função da economia. (moedas)</li> <li>- A sociedade é como um grande organismo vivo, em que cada parte depende entre si, e todos dependem de todos. (organismo humano)</li> </ul> |

|   |  |
|---|--|
| coletiva do grupo, não está dada por regra, e em caso sejam quebradas existe... <b>Punição.</b> | - A coesão social está baseada nas <b>normas jurídicas e leis</b> , criadas para manter a sociedade em ordem. ( <b>leis</b> )                                |
| - Os afazeres domésticos são feitos por uma divisão sexual do trabalho. (caça)                  | - A passagem da Sociedade Mecânica para a Sociedade Orgânica se dá por uma maior divisão do trabalho social. Em que as pessoas possuem diferentes ocupações. |

(Anexo 9)



(Anexo 10)

Querido aluno!  
Muito Obrigada pela sua companhia durante as aulas de Sociologia!  
Espero que o tempo que passamos juntos tenha sido tão proveitoso para o aprendizado de vocês, quanto foi para o meu!

Grande Abraço,  
Camila de Vasconcelos  
Estagiária de Sociologia  
Outubro de 2011

